

O VÉU DE MOISÉS E O SUDÁRIO DE JESUS

(Ex 34,33-35; Jo 20,7)

THE VEIL OF MOSES AND THE SHROUD OF JESUS

(Ex 34:33-35; Jo 20:6-7)

*Matthias Grenzer***Francisca Antonia de Farias Grenzer*****RESUMO**

Os autores neotestamentários, ao contemplarem o mistério presente na pessoa de Jesus, usam as imagens pertencentes à literatura veterotestamentária; estas, em geral, estão carregadas de conotações teológicas. Possivelmente, isso vale também para o sudário que estava sobre a cabeça de Jesus. Mencionado somente em Jo 20,7, o sudário talvez possa ser compreendido a partir do véu que estava sobre a face de Moisés: peça têxtil três vezes mencionada em Ex 34,33-35. O estudo aqui apresentado visa investigar tal paralelismo, o qual é pouco valorizado nos Comentários sobre o Evangelho segundo João publicados em língua portuguesa. Além disso, por mais que seja investigado um paralelismo já visto por outros, comumente surgem novos detalhes e novas compreensões ao se procurar de novo pelo sentido do texto.

Palavras-chave: Véu, sudário, Moisés, Jesus.

ABSTRACT

The New Testament authors, in contemplating the mystery present in the person of Jesus, use the images belonging to the Old Testament literature, which are, in general, loaded with theological connotations. Possibly, this also applies to the shroud that was on Jesus' head. Mentioned only in John 20:7, the shroud may

* Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha, e mestre em História pela PUC-SP. Professor na Faculdade de Teologia da PUC-SP e líder do Grupo de Pesquisa Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT). E-mai: mgrenzer@pucsp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1008164488580382>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3490-3112>.

** Mestranda em Teologia no Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura Joanina (LIJO). E-mai: aessenciadobomperfume@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0425790336334881>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4181-0061>.

perhaps have understood from the veil that was on the face of Moses, textile piece three times mentioned in Ex 34:33-35. The study presented here proposes to investigate such parallelism, which is little valued in the Commentaries on the Gospel according to John, published in Portuguese language. Moreover, however a parallelism already has been investigated by others, new details and new understandings often emerge when one looks again for the meaning of the text.

Keywords: Veil, shroud, Moses, Jesus.

INTRODUÇÃO

Os textos do Pentateuco, repetidamente, servem como referência importante aos quatro Evangelhos neotestamentários, quando estes se propõem a narrar e a iluminar o ensino, as ações e o destino de Jesus de Nazaré. Ora acolhem as personagens, imagens e reflexões teológicas pertencentes às narrativas dos cinco livros de Moisés, ora visam a Jesus, como quem dialoga com as leis transmitidas pela Torá. No nível textual dos Evangelhos, tais intertextualidades aparecem tanto por meio de citações diretas como através de alusões, sejam estas mais evidentes ou mais sutis (cf. GRENZER; DANTAS, 2019, p. 75-91).

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada se interessa por um detalhe ligado à cena do *sepulcro vazio*, como ela é narrada em Jo 20,1-10 (cf. também Mt 26,1-8; Mc 16,1-8; Lc 24,1-8). Segundo o quarto Evangelho, Jesus tinha sido sepultado por José de Arimateia e Nicodemos; na ocasião, os dois “tomaram o corpo de Jesus e o ataram com *panos de linho* (ὀθόνια), junto com especiarias aromáticas” (Jo 19,40) (cf. GRENZER; GRENZER, p. 35-47). No entanto, três dias depois, quando Pedro e o discípulo amado correram juntos ao sepulcro, este, por ter chegado antes, “se abaixou” e, do lado de fora, primeiramente “viu os *panos de linho* (ὀθόνια)” (Jo 20,5). Em seguida, “após ter chegado, Pedro entrou no sepulcro e observou deitados os *panos de linho*” (Jo 20,6) e, também, “o *sudário* (σουδάριον), o qual tinha ficado sobre a cabeça de Jesus” (Jo 20,7). Contudo, este último “não estava deitado junto aos *panos de linho*, mas enrolado em um lugar à parte” (Jo 20,7). No mais, ainda é narrado que o *discípulo que Jesus amava* (Jo 20,2), ao entrar no sepulcro vazio, “viu e creu” (Jo 20,8).

Sendo assim, em vista de Jo 20,7, a pesquisa aqui apresentada se pergunta sobre um possível paralelismo entre o “sudário” sobre a cabeça de Jesus e “o *véu*” (מִסְכָּה) que “Moisés colocava”, “afastava” e “fazia voltar sobre sua face” (Ex 33,33-35), a fim de proteger “os filhos de Israel, que viam a pele da face dele resplandecer” (Ex

33,35). Então, a proposta é investigar uma possível intertextualidade, provavelmente acompanhada de significativos simbolismos teológicos. Assim, o ouvinte-leitor do Evangelho segundo João talvez vislumbre melhor o que o discípulo amado “viu”, quando, no sepulcro vazio de Jesus, descobriu o “*sudário*”, o qual o motivou a “*crer*” (Jo 20,7).

O VÉU DE MOISÉS

Primeiramente se apresenta uma tradução literal do texto hebraico em Ex 34,29-35, como micronarrativa do motivo e/ou da imagem do *véu sobre a face* de Moisés:

²⁹ Enquanto Moisés descia do monte Sinai – as duas placas da norma estavam na mão de Moisés ao ele descer do monte –, Moisés não sabia que a pele de sua face resplandecia por ele lhe ter falado. ³⁰ Aarão, com todos os filhos de Israel, viu Moisés. Eis que a pele da face dele resplandecia. E temeram de chegar-se a ele. ³¹ Moisés, porém, os chamou. Então Aarão e todos os chefes da comunidade a ele voltaram, e Moisés lhes falou. ³² Depois disso, todos os filhos de Israel se achegaram. E lhes ordenou tudo o que o SENHOR lhe falara no monte Sinai. ³³ Moisés, então, terminou de lhes falar e colocou um véu sobre sua face. ³⁴ Enfim, quando Moisés chegava diante do SENHOR para lhe falar, afastava o véu, até ele sair. Saía e falava aos filhos de Israel o que lhe havia sido ordenado. ³⁵ E os filhos de Israel viam a face de Moisés. Realmente, a pele da face de Moisés resplandecia. No entanto, Moisés fazia voltar o véu sobre sua face, até ele entrar para lhe falar.

O vocábulo hebraico traduzido aqui como “véu” (cf. מִסְכָּה em v. 33b.34b.35c) somente tem essas três presenças em toda a Bíblia Hebraica. Imagina-se que o substantivo provenha da raiz verbal סָכַח, uma vez que esta nunca aparece como verbo flexionado. Contudo, dela parece provir ainda um segundo substantivo, o qual, quando descritas as características de Judá em Gn 49,11c-d, forma um paralelismo com outra peça de roupa: “Lavará sua veste no vinho e sua *capa* (סִוֵּת) no sangue de uvas”. Percebe-se, com isso, que a presença tão diminuta do vocábulo hebraico a ser estudado aqui dificulta sua compreensão mais exata.

No entanto, narra-se em Ex 34 que Moisés “colocou um *véu* sobre sua face” (v. 33b.35c). Mais ainda: ora o “afastava” (v. 34b), ora “fazia voltar o véu sobre sua face” (v. 35b). Surge, então, uma relação, não necessariamente exclusiva, entre a frente da cabeça, ou seja, a *face*, e o *pano* em questão, já que a utilidade dessa *peça têxtil*, com a qual a pessoa cobre ou descobre o rosto, seria a de criar algum tipo de proteção. Embora nem sempre esteja presente nos estudos monográficos

sobre as vestimentas no Antigo Testamento (cf. BENDER, 2008), o *véu* pertence ao mundo das roupas e, com isso, ganha presença na linguagem têxtil.

Ao verificar as antigas traduções de Ex 34,29-35, observa-se que a *Septuaginta*, constantemente, traduz o substantivo hebraico *véu* (מִסְחָה) com o substantivo grego κάλυμμα (v. 33b.34b.35c). Assim, emprega um dos diversos vocábulos que o grego antigo tem à disposição para se referir a *véu* (conferir ainda as palavras κάλυπτρα, πέπλος, στέμμα, θέριστρον e κάθεμα). Aliás, o apóstolo Paulo usa o mesmo substantivo quando se refere ao “*véu* (καλύμμα) com que Moisés cobria o rosto” (2Cor 3,13). A *Vulgata* traduz o vocábulo hebraico *véu* (מִסְחָה) com o substantivo latino *velamen* (Ex 34,33b), que, em princípio, indica uma “capa”, “cobertura” ou “coberta”, um “envoltório” ou “véu”, bem como a “pele” tirada de um animal.

No entanto, em vista do paralelismo abordado neste artigo, causa certa surpresa quando se observa como dois *Targumim palestineses*, escritos em aramaico, traduzem o vocábulo hebraico empregado em Ex 34,33-35 para indicar o *véu* de Moisés. Vale lembrar aqui que “a origem do *Targum* é anterior ao cristianismo, sendo muito usado na época do Novo Testamento” (FRANCISCO, 2008, p. 477). A primeira dessas duas traduções aramaicas é o *Pseudo-Jonatã*, “*targum* mais volumoso do Pentateuco” (FISCHER, 2013, p. 132), elaborado, provavelmente, nos séculos IV ou V d.C., embora seus editores, no próprio manuscrito, indiquem os séculos I ou II d.C. (cf. TOV, 1997, p. 125). A outra tradução aramaica é o *Neofiti*, que causa divergência entre alguns pesquisadores quanto a sua origem: se é dos séculos I a II d.C. ou dos séculos IV a V d.C. (cf. FRANCISCO, 2008, p. 484). Todavia, ambos os *targumim* aqui mencionados trazem, no lugar do vocábulo hebraico para *véu* (מִסְחָה), a palavra *sudário*, sendo que esse substantivo estrangeiro (latino) é escrito com caracteres aramaicos: סוּדָרָא (Ex 34,33 – *Neofiti*), סוּדָרָא (Ex 34,4 – *Neofiti*), סוּדָרָא (Ex 34,33 – *Pseudo-Jonatã*), סוּדָרָא (Ex 34,34 – *Pseudo-Jonatã*), סוּדָרָא (Ex 34,35 – *Pseudo-Jonatã*).

No que tange ao *sudário* em Jo 20,7, esse detalhe, pertencente às antigas traduções da Bíblia Hebraica, aumenta ainda mais a curiosidade sobre as conotações teológicas do *véu* de Moisés. Contudo, antes de ir ao encontro do que é narrado em Ex 34,33-35, é preciso lembrar primeiramente as *máscaras* pertencentes ao mundo do culto no antigo Oriente. Elas “eram usadas para

esconder o transmissor humano de mensagens divinas” (DOHMEN, 2018, p. 148). É possível que o vocábulo hebraico תְּרֻמָּה, comumente traduzido como “ídolo”, se refira em alguns casos a tais máscaras (cf. 1Sm 19,13.16; Ez 21,26), assim como são conhecidas na iconografia do Antigo Oriente – por exemplo, a máscara do deus egípcio *Anúbis*, ou as máscaras de cerâmica escavadas no *Tel Hazor* e em *Hebron* (cf. KEEL, 1996, p. 58-59.174). Contudo, “onde outros deuses são representados por uma máscara com a face do sacerdote escondida”, o Senhor, Deus de Israel, “não usa tal máscara, mas brilha diretamente por meio da face de seu servo”; disso se entende, aparentemente, que “não seja necessária uma máscara para comunicar a presença do Senhor, mas é um homem, e não um objeto, que tem a função de mediá-lo” (MOBERLEY, 1983, p. 108).

Enfim, no caso de Moisés, “o brilho da face dele permite ver o quanto ele foi iluminado pelo encontro com Deus”, no sentido de que sua experiência de “quarenta dias na proximidade da glória de Deus” (Ex 34,28) o transformou em um “homem que brilha”, justamente por resplandecer a intensa claridade divina (FISCHER; MARKL, 2009, p. 367). Embora exista aqui um acontecimento que, em princípio, é indizível, pode-se imaginar um “resplendor causado pelo diálogo com Deus” (ANDIÑACH, 2010, p. 380). Moisés, pois, é narrado como quem, de forma ímpar, fez a experiência de “o SENHOR lhe falar face a face, como um homem fala com o seu companheiro” (Ex 33,11), ainda que, assim como todos os seres humanos, ele também “não pudesse ver a face” de Deus (Ex 33,20).

Todavia, conforme a narrativa bíblica, a experiência mosaica é percebida pelos israelitas quando contemplam “a proximidade de Deus na face brilhante de Moisés” (DOHMEN, 2004, p. 374). Nesse sentido, o texto em Ex 34,33-35 parece não ser bem compreendido ao se imaginar que Moisés sempre usasse o véu diante das pessoas e que somente o retirasse ao falar com Deus (cf. ANDIÑACH, 2010, p. 380). Pelo contrário, ganha destaque que “Aarão e todos os filhos de Israel viram Moisés e a pele resplandecente da face dele” (v. 30.35). Assim, junto com as demais formulações da micronarrativa, percebe-se que, “quando Moisés chegava diante do SENHOR para lhe falar, afastava o véu” (v. 34a-b), e também quando “falava aos filhos de Israel o que lhe havia sido ordenado” por Deus (v. 34c-d); ou seja, “Moisés não cobre sua face quando fala, mas apenas quando não fala” (DOHMEN, 2018, p. 148).

Portanto, na linha desse raciocínio, o véu de Moisés parece indicar duas realidades diferentes. Por um lado, o véu retirado, de forma metafórica, marca o momento em que a Palavra de Deus está sendo revelada, ora por Moisés dialogar com Deus, ora por ele transmitir ao povo aquilo que Deus lhe ordenara. Por outro lado, o véu sobre a face de Moisés aponta para o momento em que a Palavra de Deus não está sendo dialogada. Assim, tal peça têxtil, a qual, de acordo com seu uso prático, esconde ou revela o rosto de alguém, ilustra e/ou comunica, em meio à invisibilidade de Deus, o mistério da beleza e da força iluminadora da Palavra de Deus.

O SUDÁRIO DE JESUS

O vocábulo grego *sudário* (τό σουδάριον), em princípio, é “um estrangeirismo procedente do latim (*sudarium*)”, que “identifica uma peça de pano usada normalmente para enxugar o suor” (BRUCE, 1987, p. 326). A palavra aparece apenas quatro vezes no Novo Testamento (Lc 19,20; Jo 11,44; 20,7; At 19,12): ora como um *pano* pequeno ou um *lenço*, no qual alguém guarda algo precioso, como, por exemplo, uma “mina”, correspondente a cem dracmas (Lc 19,20); ora como o *lenço* ou *pano* que Paulo usa junto a um *avental*, talvez para se limpar de seu suor (At 19,12); ora, ainda, como um *lenço* usado para cobrir “a face” (Jo 11,44) ou a “cabeça” (Jo 20,7) de um morto, como, por exemplo, no caso de *Lázaro* e de *Jesus*, embora somente o Evangelho segundo João traga esse pequeno *pano mortuário* ao imaginário de seu ouvinte-leitor. Na Septuaginta, tradução grega da Bíblia Hebraica, o vocábulo *sudário* (τό σουδάριον) não é encontrado (cf. MURAOKA, 2010).

Entretanto, de acordo com o exposto, uma vez que a pesquisa aqui apresentada se propõe a investigar o *sudário* de Jesus, há a seguir uma tradução literal do que originalmente é narrado em grego, quando o Evangelho segundo João, no capítulo 20, apresenta a inspeção do túmulo vazio por parte de *Simão Pedro* e do *outro discípulo*:

⁶ Ao segui-lo [= o outro discípulo], veio, pois, também Simão Pedro, entrou no sepulcro e viu os panos de linho depostos ⁷ e o sudário, o qual tinha estado sobre a cabeça dele, não deposto junto aos panos de linho, mas enrolado em um lugar à parte. ⁸ Então entrou também o outro discípulo, que tinha chegado primeiro ao sepulcro. Viu e creu.

“Possivelmente”, a cena toda e, em especial, os *panos de linho* e o *sudário* estejam acompanhados de “um grande simbolismo” (CASTRO, 2008, p. 353). Mas qual? Uma verificação das explicações oferecidas pelos Comentários sobre o Evangelho segundo João e por outros estudos monográficos publicados em língua portuguesa mostra como as opiniões divergem e, em parte, até se contradizem.

Um tipo de leitura afirma existir um contraste ou uma oposição entre os *panos de linho* e o *sudário* quanto à posição e à arrumação deles. Nesse sentido, o narrador joanino, por um lado, descreve os *panos de linho* como “*depostos*” ou “*estendidos*” (v. 6d), com a possibilidade de neles se ver um “sinal de bodas preparadas” (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 840). Por outro lado, a narrativa bíblica apresenta o *sudário* como “*não deposto*”, ou “*não estendido junto aos panos de linho, mas enrolado num lugar à parte*” (v. 7b-c). Com isso se percebe um duplo contraste, tanto das expressões “*deposto*” e “*não deposto*” (v. 6d.7b) como dos dois *lugares* aqui imaginados. O *sudário*, pois, não se encontra no mesmo lugar dos *panos de linho*, “*mas em um lugar à parte*” (v. 7c).

No entanto, parece ser errôneo explorar tal contraste da seguinte forma: os *panos de linho depostos* aparecem como “tálamo nupcial, significando vida e fecundidade”, enquanto o *sudário* “leva em si a morte”, no sentido de que “alude ao templo” de Jerusalém, ou seja, “à instituição homicida” (MATEOS; BARRETO, 1999, p. 840). A primeira dificuldade com tal compreensão ocorre ao se ver, nos *panos de linho*, um *lençol estendido* para celebrar núpcias. Conforme a cena anterior, pois, José de Arimateia e Nicodemos “colocaram” o corpo de Jesus “em panos de linho junto a aromas”, usando “uma mistura de cem litros de mirra e aloés” (Jo 19,39-40). Eram, portanto, trinta e dois quilos e seiscentos gramas de especiarias aromáticas, misturadas entre o granulado da *mirra* e o pó ou a resina do *aloés*, que é a babosa (cf. GRENZER; GRENZER, 2018, p. 41-43). Portanto, ainda que não tenha sido “um líquido despejado sobre os panos” (BROWN, 2011, p. 463), mas sim uma grande quantidade de granulados fragrantes ou especiarias em forma de pós, os *panos de linho*, após o seu uso como envoltórios e também misturados com as essências aromáticas, em princípio, ficariam *depostos* ou *estendidos* por si só. Assim, é difícil imaginar que alguém novamente conseguisse manipulá-los, seja para usá-los como lençóis nupciais, seja para dobrá-los ou “enrolá-los” (v. 7c), a fim de guardá-los para qualquer outro uso. Mais ainda, de

acordo com o provável simbolismo do *sudário* descrito a seguir, o contraste mencionado entre os *panos de linho* como representantes da vida e o *sudário* como representante da morte, aparentemente, não existe.

Outra leitura explora os detalhes oferecidos pelo texto bíblico de forma diferente: o *sudário* foi “*enrolado* com cuidado e colocado de lado por alguém que não mais precisava dele” (CARSON, 2007, p. 639). Quer dizer, ao contrário de Lázaro, que “saiu do túmulo usando sua mortalha, com as roupas fúnebres adicionais ainda enrolados na sua cabeça” (CARSON, 2007, p. 639), ou seja, com “o rosto no *sudário* que tinha sido atado em redor dele” (Jo 11,44), Jesus ressuscitado deixa suas roupas mortuárias para trás. E, por consequência, o *outro discípulo*, companheiro de Simão Pedro, “chegou à fé [...] não só porque o túmulo estava vazio, mas porque as roupas fúnebres ainda estavam lá” (CARSON, 2007, p. 639). Faz sentido que um *pano* ou *lenço* seja “*enrolado*” (v. 7c) e colocado “em um lugar à parte” (v. 7c), porque, em determinado momento, não há mais uso para ele. Nesse sentido, para o quarto Evangelho, Jesus já está com a vida definitiva e/ou eterna, diferentemente de Lázaro. Contudo, somente a observação referente à arrumação distinta do pequeno *pano mortuário* ainda não explica, de forma convincente, por que justamente o *sudário enrolado* levou o *outro discípulo* à fé. Afinal, conforme a narrativa em Jo 20,7-8, parece ter sido o próprio *sudário* que provocou tal fé, uma vez que essa fé ainda não tinha surgido quando o *outro discípulo* “se reclinou” e, do lado de fora, “olhou para os *panos de linho*” (Jo 20,5). O que, portanto, o *discípulo amado* viu a mais e de diferente no *sudário*? Por acaso teria sido o rosto de Jesus? Ou, de acordo com Ex 34,33-35, lhe ocorreu a lembrança daquele *pano* que Moisés, com grande simbolismo, *colocava sobre seu rosto*? Porventura, foi a partir desse paralelismo que o *outro discípulo* chegou a determinada conclusão sobre o *sudário* e, assim, sobre o destino de Jesus?

Os Comentários sobre o Evangelho segundo João apresentam ainda outras explorações dos detalhes narrados em Jo 20,6-8. Afirma-se, por exemplo, que aquilo que *Simão Pedro* e o *outro discípulo* veem “não pode ser obra de ladrões, que teriam deixado tudo em desordem”, “nem de alguém que tirou o corpo, pois não teria dispensado os panos e o lenço”, mas que, “no caso de Jesus, a situação encontrada no túmulo deixa transparecer a plena soberania daquele que ‘tem poder de retomar a vida’ (Jo 10,17-18)” (KONINGS, 2000, p. 399). Em outras palavras,

aqui não agiram “ladrões de sepulturas”, nem “amigos” nem “animais selvagens” (BÖSEN, 2015, p. 196). É possível imaginar que o quarto Evangelho, de fato, se interesse em deixar claro que o corpo de Jesus não foi roubado ou simplesmente deslocado para um lugar desconhecido. Contudo, novamente resta a pergunta sobre o que provocou exatamente a *fé do discípulo que Jesus amava*, quando olhou para os *panos de linho* e, sobretudo, para o *sudário*. A reação dele, em todo caso, é diferente da reação de Pedro. Aliás, o quarto Evangelho nada narra a respeito da reação de *Simão Pedro*, diferentemente de Lc 24,12, onde se diz que Pedro “foi embora admirado com o que acontecera”.

Outra leitura de Jo 20,6-8 afirma que o *outro discípulo* “chega à fé pelo sepulcro vazio e pelo testemunho da Escritura”: embora ele veja, assim como *Simão Pedro*, “os panos de linho e o sudário que tinham envolvido o corpo de Jesus colocados ali, em ordem”, destaca-se que seria, sobretudo, “uma ausência o que vê” (MALZONI, 2018, p. 301). Nessa linha de pensamento, no entanto, surge a questão de como os *panos de linho* e o *sudário* indicam, exatamente, a ausência de Jesus como sinal da ressurreição dele, com base na “compreensão da Escritura” (Jo 20,9).

Interrompe-se aqui o diálogo com os estudos que não atribuem ao *sudário* um significado mais positivo para a *fé do outro discípulo*, imaginando que somente a ausência de algo caracterizaria o sepulcro vazio. Ao contrário, pela narrativa bíblica, o *outro discípulo* justamente “vê” algo (v. 8c), assim como Simão Pedro também o “viu” (v. 6d): “*panos de linho* depostos e o *sudário*, o qual tinha estado sobre a cabeça dele [= Jesus]”, sendo que o *sudário* “não [estava] deposto junto aos *panos de linho*, mas enrolado em um lugar à parte” (v. 6d-7). No entanto, diferentemente de *Pedro*, o *outro discípulo* “viu” (v. 8c) nos *panos de linho* e, sobretudo, no *sudário* algo que favoreceu sua fé (cf. v. 8d). O que ele poderia ter visto?

A resposta talvez se encontre no paralelismo entre o *sudário de Jesus* (Jo 20,7) e o *véu de Moisés* (Ex 34,33-35), favorecido pelos já comentados *Targumim palestinianes* e valorizado por alguns estudos. Parece ter sido Sandra M. SCHNEIDERS (1983) quem, em seu artigo intitulado “The Face Veil: a Johannine Sign (John 20:1-10)”, destacou pela primeira vez a importância desse paralelismo. Depois, outros seguiram tal raciocínio (cf. BEUTLER, 2016, p. 454; LÉON-

DUFOUR, 1998, p. 151). Eis as reflexões que, a partir de Ex 34,33-35, atribuem um sentido mais amplo ao *sudário* de Jesus.

A argumentação pode partir do detalhe de que “o *sudário* não foi simplesmente jogado ou deixado como os panos, mas definitivamente enrolado e colocado de lado” por “Jesus, o novo Moisés” (SCHNEIDERS, 1983, p. 96), semelhantemente ao “véu” que Moisés “afastava” ao falar com Deus ou ao transmitir a Palavra de Deus a “Aarão”, a “todos os chefes da comunidade” e a “todos os filhos de Israel” (Ex 34,31.34). Nesse sentido, pode-se compreender que Jesus, por causa de o “*sudário*” não se encontrar mais “sobre sua cabeça” (v. 7a), é contemplado como quem está em comunhão com Deus. No entanto, contrariamente a Moisés, o qual, quando não falava com Deus ou não transmitia a Palavra de Deus a seu povo, “fazia voltar o véu sobre sua face” (Ex 34,33.35), o *sudário* nunca mais voltaria sobre a cabeça de Jesus.

Na linha desse pensamento, o *sudário* de Jesus, “enrolado em um lugar à parte” (v. 7c), torna-se um sinal de vida por definitivamente se encontrar afastado de sobre a cabeça de Jesus, porém, junto aos *panos de linho*. Enfim, ao apresentar o *sudário de Jesus*, o Evangelho segundo João, justamente por meio da alusão ao véu de Moisés, parece “sugerir a glória de Cristo”, sendo que “o discípulo amado teria chegado a esta fé quando viu o *sudário* de Jesus enrolado diante de si” (BEUTLER, 2016, p. 454). Afinal, “quando se volta ao SENHOR, o véu é removido” (2Cor 3,16; Ex 34,34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O único véu de rosto mencionado em todo o Antigo Testamento é o pano que Moisés colocava sobre sua face, quando ele não estava na presença de Deus ou quando ele não comunicava a Palavra de Deus a seu povo (Ex 34,33-35). Também o *sudário* de Jesus é um véu de rosto, ocupando exatamente o mesmo espaço ao ficar sobre a cabeça dele (Jo 20,7). Devido às poucas presenças entre as duas peças têxteis nas Sagradas Escrituras e nos Evangelhos, o paralelismo aqui visado se torna marcante.

Como afirmado na maioria dos Comentários sobre o Evangelho segundo João publicados em língua portuguesa, o *sudário* de Jesus, junto aos *panos de linho*,

indica a *ausência* de Jesus. “Enrolado em um lugar à parte” (Jo 20,7d), revela que Jesus foi embora. Ele não está mais aqui.

O *discípulo amado*, no entanto, “vê” o *sudário* “e crê” (Jo 20,8c-d). Possivelmente, percebe que o *sudário* não é somente sinal da *ausência* de Jesus, mas também da *presença* de Jesus junto a Deus. Ou seja, Jesus não apenas não está mais no sepulcro, mas, conforme a esperança provocada pelo *véu de rosto* ou pelo *sudário* afastado e deixado para trás, o *novo Moisés* “chegou diante do SENHOR para lhe falar” (Ex 34,34-35). Portanto, o *sudário* não é um *sinal da morte*, mas um sinal da *vida nova*. O Crucificado está Ressuscitado na comunhão do Pai. Posteriormente, as aparições dele irão revelar que, de outra forma, também está em comunhão com os seus discípulos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDIÑACH, Pablo. *O livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

BENDER, Claudia. *Die Sprache der Textilien: Untersuchungen zu Kleidung und Textilien im Alten Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 2008.

BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: comentário*. São Paulo: Loyola, 2016.

BÖSEN, Willibald. *Ressuscitado segundo as Escrituras: fundamentos bíblicos da fé pascal*. São Paulo: Paulinas, 2015.

BROWN, Raymond E. *A morte do Messias: comentário das narrativas da paixão nos quatro Evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 2011. v. II.

BRUCE, Frederick Fyvie. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1987. (Reimpressão: 2014).

CARSON, Donald Arthur. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd, 2007.

CASTRO, Secundino Sánchez. *Evangelio de Juan*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.

DOHMEN, Christoph. *Exodus 19–40*. Freiburg: Herder, 2004.

DOHMEN, Christoph. *Mose: der Mann, der zum Buch wurde*. 3. ed. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2018.

FISCHER, Alexander Achilles. *O texto do Antigo Testamento: edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernst Würthwein*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FISCHER, Georg; MARKL, Dominik. *Das Buch Exodus*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético; guia introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos. Moisés e os discípulos de Jesus não falam por si (Ex 4,12; Mc 13,11; Mt 10,19; Lc 12,12; Jo 14,26). *Franciscanum*, 171 (2019), p. 175-191.

GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca Antonia de Farias. Especiarias aromáticas no sepultamento de Jesus (Jo 10,39-40). *Paralellus*, 20 (2018), p. 1-12.

KEEL, Othmar. *Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament: am Beispiel der Psalmen*. 5. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João IV: capítulos 18–21*. São Paulo: Loyola, 1998.

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MOBERLEY, R. Walter L. *At the Mountain of God: Story and Theology in Exodus 32–34*. Sheffield: JSOT Press, 1983.

MURAOKA, Takamitsu. *A Greek ≈ Hebrew/Aramaic Two-Way Index to the Septuagint*. Louvain: Peeters, 2010.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999.

SCHNEIDERS, Sandra M. The Face Veil: a Johannine Sign (Jo 20:1-10). In: *Biblical Theology Bulletin*, 13 (1983), p. 94-97.

TOV, Emanuel. *Der Text der Hebräischen Bibel: Handbuch der Textkritik*. Stuttgart: Kohlhammer, 1997.